



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO
COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

REBECA CRISTINA FERREIRA BASTOS

HIP HOP E EDUCAÇÃO POPULAR

Salvador

2009

REBECA CRISTINA FERREIRA BASTOS

HIP HOP E EDUCAÇÃO POPULAR

Memória descritiva do documentário “Hip Hop e Educação Popular”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Washington José de Souza Filho

Salvador

2009

À meus pais, que me educaram com amor e pela força do exemplo.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de conclusão de um ciclo de vida faço reflexões e resgato muitas memórias. Lembranças da criança e da adolescente que fui, da jovem que sou, dos locais por onde passei . Faço ainda uma avaliação dos grupos sociais em que estou inserida, a família, os amigos e amigas, os trabalhos, a faculdade e não posso me furtar de agradecer a muitas pessoas que passaram por esse caminho.

Um agradecimento especial aos meus pais, que mais do que tudo me deram educação, princípios e valores essenciais para o percurso de minha trajetória. Agradeço pela torcida constante, pelo apoio moral, pelo carinho, compreensão e amor devotado em todos os momentos da minha vida. Obrigada pela presença constante, pelas palavras, doces ou duras, sempre norteadoras. Obrigada pela confiança. Estarei sempre com vocês.

Aos professores e educadores que passaram em minha vida que foram tão decisivos nos momentos de conflito. Afeto especial dedicado a equipe de educadores que me acolheram no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, instituição em que passei boa parte da adolescência e onde lancei meus primeiros olhares mais atentos e reflexivos sobre a arte e a sociedade tão inspiradora em que vivemos. Um Salve especial à Rita Carneiro, que sempre colocou questionamentos desafiadores em questão. A Danilo Scaldaferrri que com alegria, talento e carisma conquista até a torcida do Vitória. E a Débora Freire que com sua paciência e delicadeza consegue transformar pedra bruta em jóia.

A meu orientador Washington de Souza Filho com que tive a oportunidade de aprender a pensar em imagens e que compreendeu as minhas questões e orientou com responsabilidade. À inteligência intuitiva de Sara Roberta, que em sua breve passagem pela Facom deixou marcas e provocações instigantes. Ao professor Giovandro Marcus que sempre propõem novos olhares ao que parece consolidado.

Agradeço profundamente aos meus personagens: Josenilda Silva, Jorge Hilton, pelos depoimentos norteadores. Denis Sena na companhia de sua trupe do Projeto Cidadão Danilo, Nicholas, Tami, Gilvan e Leonardo. A todos do Gaec, Demissom, Ananias, Tina, Marcus Vinicius e Adriana. E a quem respondeu as questões sem aviso

prévio, no calor da hora: Valter Altino, Nádia Cardoso e Marcelo Matos. Obrigada a todos pelos depoimentos sinceros e pela disponibilidade.

E claro que não vou esquecer dos amigos de todas as horas, pessoas que me aceitam do jeito que sou, perdoam todas as minhas sobras e as minhas faltas. Aqui misturo amigos da Facom, do Liceu, da Cipó e de outros lugares: Anderson Sotero, Inês Costal, Juliana Montanha, Juliana Souza, Jorge Gauthier, Carina Barbalho, Eric Carvalho, Jane Evangelista, Matheus Feitosa, Nádia Conceição, Wendell Wagner, Israel Pacheco, Taciana Gacelin, Patrícia Sodré, Thiago Pereira, Vinicius Carvalho, Deijeane Nascimento, Daiane Silva, Ledson Chagas, Daniel Mendes, Renata Machado, Cássia Andrade e Tâmara Pereira.

 s institui es e projetos Cipó- Comunica o Interativa, Núcleo de Mobiliza o e A o Política, OI Kabum! Escola de Arte e Tecnologia e Projeto Lanterninha.

Nossa quanta gente. Certamente deve estar faltando alguém, desculpem a falha, mas haverá ainda muitos momentos para agradecer.

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.”

Carlos Rodrigues Brandão

RESUMO

O documentário *“Hip Hop e Educação Popular”* mostra as opiniões e percepções de pessoas envolvidas com o movimento hip hop ou com oficinas formativas que usem os seus elementos como base. Motivações, histórias e análises críticas são contadas através de depoimentos que contextualizam a cena local do hip hop soteropolitano. Presente no Brasil há duas décadas o movimento ganha força no cenário local e na Bahia já conta com 14 anos de organização. A cultura hip hop envolve quatro elementos: o breaking, o graffiti, o DJ e o MC, e nasceu nos guetos negros norte-americanos, como construção de comunidades marginalizadas socialmente. Atentos a questão da conscientização da sociedade, parte dos integrantes do movimento disponibiliza oficinas formativas para jovens nas comunidades populares de Salvador. Essa faceta educacional do movimento hip hop é a base principal para a construção da narrativa do documentário.

Palavras - chave: Movimento hip hop; Documentário; Educação; Identidades

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	09
2. O TEMA	11
2.1. O movimento	11
2.2 Hip hop baiano	15
3. A EDUCAÇÃO POPULAR	20
4. O VÍDEO DOCUMENTÁRIO	22
4.1 Histórico	22
4.2 Características	23
5. METODOLOGIA	26
5.1 Pré- produção	26
5.2 A escolha dos personagens	26
6. CONSTRUÇÃO	27
6.1 Entrevistados	27
6.2 Gravação	29
6.3 Decupagem, roteiro e edição	29
7. MEMÓRIA	32
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
9. ANEXOS	36
9.1. Cronograma	36
9.2. Ficha técnica	36
9.3. Roteiro de edição	37

1. APRESENTAÇÃO

O projeto *Hip Hop e Educação Popular* é um trabalho documental, de cunho jornalístico, que busca dar visibilidade aos arte-educadores e educandos que fazem parte da cena educacional do movimento hip hop soteropolitano. Por meio de registro em vídeo que demonstra alguns momentos de oficinas e entrevistas com os integrantes do movimento, o trabalho pretende revelar quem são esses jovens, bem como registrar a difusão, na Bahia, de uma linguagem que começou a ser praticada no Brasil nos anos 80, a partir da chegada da cultura hip hop aos grandes centros urbanos do país.

Obtidas em momentos pré-definidos com osicineiros em seus ambientes de compartilhamento do saber, as imagens e entrevistas, retratam seus pontos de vista sobre como se desenvolve a relação do movimento hip hop baiano e a educação popular, ações de cunho formativo que são desenvolvidas por integrantes do movimento. Existem ainda imagens de eventos organizados pelos artistas para mostrar o resultado de oficinas ou para debater assuntos ligados ao movimento. Esses eventos são realizados em alguma data especial, e tem a intenção de integrar os militantes e agregados dos diversos bairros de Salvador e, em alguns casos, de promover ações sociais dentro de suas comunidades.

O termo hip hop agrega quatro elementos que resumidamente são: Rap (música), *Breaking*¹ (dança), *Graffiti* (artes plásticas) e DJ (tocador de discos). É notória a capacidade que essas linguagens têm de estimular as habilidades cognitivas e artísticas de crianças, adolescentes e jovens, o que é evidenciado nos seus relatos como um reconhecimento do poder mobilizador e a facilidade que esse conjunto possui de ser assimilado pela juventude, principalmente a que reside nas periferias. É possível perceber que o contato com o discurso contra-hegemônico do hip hop acaba sendo responsável por mudanças na auto-estima desses garotos e garotas, num processo de afirmação de identidades e busca por conhecimentos que vão além da assimilação além da assimilação de conteúdos didáticos, sem espaço para a análise crítica, oferecida nas escolas tradicionais.

¹O *breaking* é uma dança de rua, praticada em rodas, assim como a capoeira. Os dançarinos de *breaking* são os *B-Boys* ou *B-Girls*, aqueles que dominam a técnica, que têm algumas estilos, como o *popping*, que tem movimentos quebrados que assemelham-se a gestos de robôs, e o *locking*, que é mais rápido e descontraído.

Além dos momentos de entrevistas, as imagens obtidas durante o segundo semestre de 2009 registram situações de mostras e exposições de oficinas, a exemplo do “Break Bambaataa”, desenvolvido pelo Grupo de Arte-Educação Esporte e Cultura (Gaec) que conta com o apoio da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) e da mostra final do Projeto Quadro Negro, iniciativa da banda de Rap Simples Rap’ Ortagem, realizada no ano de 2005 com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto debateu com jovens de escolas públicas temas que vão desde o sistema de cotas à diferença entre pichação e *graffiti*. Por conta dos apoios recebidos, os projetos que foram desenvolvidos em épocas diferentes contrataram alguns artistas apropriados das linguagens do hip hop para que pudessem repassar seus conhecimentos, buscando divulgar e valorizar a cultura e o movimento hip hop.

Nesse âmbito, são relevantes as oficinas e cursos de *graffiti*, DJ, *breaking* e rap como instrumentos legítimos de arte-educação, para crianças e adolescentes, desenvolvidas pelos arte-educadores em seus bairros ou outras regiões da cidade, seja por iniciativa própria ou contando com o apoio de alguma organização não-governamental, governamental ou privada.

As imagens e entrevistas desse trabalho visam valorizar essas linguagens que por serem praticadas por jovens oriundos de bairros periféricos continuam, em alguns casos, sendo marginalizadas pela sociedade. Ao procurar a essência das práticas educacionais, lançando um olhar mais aprofundado sobre seus autores, as imagens captadas através da câmera querem despertar nos espectadores um conhecimento maior sobre os interesses dos jovens artistas.

Um dos resultados da realização do vídeo documentário *Hip hop e educação popular* é a distribuição do seu conteúdo finalizado para as posses registradas na Rede Aiyê Hip Hop com o objetivo de levar aos próprios agentes do movimento a oportunidade de se reconhecerem nas histórias retratadas no documentário, como estímulo a que continuem desenvolvendo suas habilidades artísticas e as utilizem como instrumento de transformação social em suas vidas e localidades.

2. O TEMA

2.1. O movimento

O movimento hip hop não é apenas um estilo musical ou movimento social, mas sim um dos mais importantes fenômenos sócio-culturais e políticos da contemporaneidade. De origem controversa, foi nos Estados Unidos da América que o movimento, altamente influenciado por práticas jamaicanas, começa a ganhar contornos do que é hoje. O termo hip hop foi criado pelo Dj Lovebug Starski e popularizada DJ estadunidense Afrika Bambaataa, no ano de 1968 para nomear bailes (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001) e significa numa tradução literal do inglês o balancear dos quadris (hip) e o salto (hop). A realização desses bailes que reuniam dançarinos de *breaking*, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestre de cerimônias) movimentou culturalmente comunidades afro americanas e fomentou a militância racial. O rap (abreviação de *rythm and poetry* é um estilo de música declamada) é um dos elementos mais conhecidos da cultura hip hop e desde sua origem trazia rimas intervencionistas, onde os hip hoppers denunciavam as violações que viviam nas comunidades. O fato é que, seja como movimento social ou como cultura de rua, o hip hop é capaz de mobilizar e influenciar milhares de jovens das periferias urbanas do país.

O hip hop não demorou a chegar ao Brasil. Já em 1982, a juventude da periferia dançava o *break* e ouvia os primeiros raps. Inicialmente a influência foi maior na cidade de São Paulo através da forte presença nos bailes *soul* e das revistas e discos especializados. Outras linguagens como o *graffiti* e o DJ também passam a ser mais difundidas e geram um estado de curiosidade na sociedade. Em 1996 o movimento hip hop ganha força e se organiza na cidade de Salvador. A partir daí, os militantes se dividem em subgrupos, denominados *posses*, e passam a oferecer oficinas para jovens nas comunidades populares de Salvador. Os temas das oficinas variam de acordo com a realidade de cada lugar, mas geralmente, são baseados nos quatro elementos do movimento.

A postura contestatória e afirmativa do movimento, expresso na conduta, vestimenta e linguagem dos seus participantes é algo que incomoda os setores mais

conservadores da sociedade. Não é incomum histórias de preconceito e superação entre os integrantes do movimento que se utilizam de diversos espaços de convivência para construir meios de superação das realidades postas. Dessa forma, qualidade na educação pública, igualdade racial, de gênero e religiosa, bem como acesso a universidade pública gratuita e de qualidade para estudantes negras/negros, são algumas bandeiras erguidas pelo movimento, em reação contra-sistema.

Sempre atentos à questão da conscientização da sociedade, integrantes do movimento hip hop constantemente promovem atividades de caráter político-social em suas comunidades realizando oficinas formativas para jovens. Nesse contexto, os elementos da cultura são utilizados com o propósito de intervenção e mudança social, para tal, as ações educativas têm o poder intencional de alavancar o hip hop à posição de um movimento social. O tema abordado nas oficinas não é fixo, mas sempre passa por temas ligados à cidadania, como acesso aos direitos e deveres e políticas públicas. Também são construídos produtos, que variam de fanzines e programas de rádio, a letras de Rap ou intervenções de *graffiti*. O principal objetivo dessas ações é que, através da elaboração desses produtos, as crianças, adolescentes e jovens envolvidos possam despertar suas consciências crítica e política, para que em breve possam ser sujeito e não apenas objeto na sociedade.

Por conta da crise instalada há algumas décadas, na educação formal no Brasil, alguns movimentos sociais se apropriam do vácuo formativo deixado pela escola e passam a atuar no campo da educação não formal porque entende o seu caráter libertador e promissor. Nesse contexto, as oficinas mais voltadas para o exercício dos quatro elementos do hip hop exercitam questões de linguagem, expressão corporal e conscientização social:

Em virtude da ação do jovem da posse ser espontânea e promover a criatividade na elaboração das letras de música e outros eventos artísticos e culturais (...). Na ação pedagógica, o grupo fortalece sua identidade étnica e geracional como condição única para a superação do mundo da exclusão e, mais ainda, do mundo da violência simbólica. Reafirmam, como jovens, sua capacidade de apresentar idéias, compartilhar opiniões e sugerir mudanças sociais. Diante do que foi dito, considerando todo o embasamento teórico adquirido e apoiado nas

entrevistas e imagens captadas em campo o vídeo documentário pretende expor que, fora da escola formal, também se constrói uma consciência reativa capaz de acrescentar novos valores e pontos de vista na sociedade. (ANDRADE, 2000, p.91)

O movimento hip hop, por ter forte vertente política e social, chama atenção pelas particularidades de discurso que são latentes em cada região do país ou do mundo em que atua, pois é possível notar os diferentes interesses do movimento no Brasil, e o nos Estados Unidos, por exemplo. A partir da pesquisa teórica sobre pedagogia e formas de educação através de trabalhos práticos em artes e comunicação, o presente trabalho pretende demonstrar a importância educativa das ações do hip hop, em comunidades populares da capital baiana.

É de conhecimento notório que por conta de vários processos, dentre os quais a globalização, a sociedade tem se tornando cada vez mais heterogênea, complexa e diferenciada, em consequência disso, identidades tradicionais se desfazem para serem criadas outras tantas “gerando uma pluralidade de interesses e de demandas nem sempre convergentes, quando não conflitantes e excludentes” (HESRCHMANN, 2000, p. 36). Enquanto movimento identitário, o hip hop constrói seu cotidiano educacional na perspectiva de acrescentar à questão de classe mais dois componentes: gênero e etnia. Mas tudo o que se refere à discriminação social interessa aos militantes do movimento que tratam em suas letras de rap e nos traços de seus *graffitis* de temas comuns a toda a sociedade, periférica ou não. Acerca da multiplicidade identitária:

Em toda parte, estão imergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL 2003, p.88)

Os jovens condutores das ações educativas do hip hop ao perceberem o seu lugar na sociedade passam a produzir nos bairros em que habitam. Transformaram-se em produtores de cultura, educação e arte. Desse modo, qualificam um pouco mais os bairros onde vivem. O rap inscreve na cena cultural brasileira o discurso identitário da favela, dos que buscam o nível de cidadania já conquistado por outras esferas da sociedade. O movimento hip hop busca através de seu discurso e de suas ações algo se

poderia chamar de concretização da conscientização. O educador Paulo Freire foi um dos propulsores da necessidade latente da conscientização de todos os grupos sociais:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1979, p.15)

É preciso ter em vista que a educação e o aparelho escolar, em particular, é um sistema orquestrado ideologicamente pela classe dominante. Assim, a educação oferecida do sistema formal está posta de um modo que não modifica a sociedade que a mantém. De forma geral, os trabalhos de educação popular que são desenvolvidos não têm intenção de confrontar diretamente a escola pública nem suas práticas pedagógicas. Fomenta-se o aprender lúdico, descontraído, sem tensões.

O movimento hip hop brasileiro, por ter forte vertente política e social, chama atenção pelas particularidades de discurso que são visíveis em cada região do país em que atua. Em outros países é possível notar diferentes interesses, como nos Estados Unidos, por exemplo.

2.2 Hip hop baiano

Já presente no cenário nacional desde a década de 80, o hip hop começa a ganhar identidade na Bahia em meados dos anos 90. A organização em forma de redes e posses acontece de forma organizada a partir de 1996. Um dos pontos fortes do movimento baiano é a sua iniciativa de promover encontros Estaduais e Nordestinos que tem a importante missão de analisar as bases do movimento e traçar metas. Entre as principais questões discutidas no movimento, as ações afirmativas e de gênero merecem destaque. É importante salientar que o hip hop baiano está longe de ser um movimento homogêneo, na medida em que entre seus militantes há membros de partidos políticos,

integrantes do movimento negro, feministas e pessoas com ideologias religiosas diferentes, por exemplo, de origem africanista e de origem cristã.

Em Salvador há vários grupos de hip hop que conduzem em suas comunidades manifestações culturais, educativas e políticas. Várias linguagens são usadas para esse fim, alguns lidam com basquete, outros com dança, produção musical e grafiteagem. Os participantes desses grupos estão presentes também em outros espaços sócio-políticos e religiosos, alguns inseridos no candomblé e em entidades partidárias, outros envolvidos com igrejas evangélicas e assim por diante (MESSIAS, 2008). O hip hop de Salvador se constitui em ascendente movimento cultural, com difusa organização política, porém, sem lideranças.

É comum o discurso de nacionalista que denunciam o hip hop como mais um estilo musical “enlatado”, do imperialismo estadunidense e que não possui nada de criativo ou novo, por ser apenas mais um importado na lista do consumidor nacional. É inquestionável que o hip hop é um estilo importado, mas não se originou puramente em solo norte-americano, pois tem suas raízes fincadas no continente africano, mais acertadamente na Jamaica dos anos 70. Contudo, é um movimento que tem forte vertente social e pode se adaptar a realidades diferentes. A articulação do movimento baiano se fortaleceu, há seis anos, com o surgimento da Rede Aiyê Hip Hop, que é uma parceria do movimento hip hop de Salvador e Lauro de Freitas e objetiva contribuir com a valorização e o fortalecimento local do movimento. Entre os integrantes do movimento existe uma noção de pertencimento muito forte.

A identidade do hip hop está profundamente arraigada à experiência local e marcada pelo apego a um *status* conquistado em um grupo local. Esses grupos formam um novo tipo de “família”, elaborado a partir de um vínculo intercultural... que de fato contribuem para a construção de redes da comunidade que servem de base para novos movimentos sociais. (HERSCHMANN, 2000, p.184)

Na Bahia, nota-se o destaque do rap entre as linguagens do hip hop, que tem forte caráter social e costuma ter letras críticas com relação à situação do negro. Grande parte do movimento insere o discurso étnico e de gênero e da sua condição social em suas canções de protesto. As letras dos raps são coloquialmente compostas e mixadas em

uma base musical, quase sempre são marcadas por um tom de protesto, politicamente engajadas, dramáticas e agressivas, explicitando uma indignação quanto às arbitrariedades sociais. Mas o rap já não é música exclusiva para quem está dentro do movimento, pois hoje, tanto no Brasil quanto em outras culturas, é cantado por artistas e ouvintes que gostam da batida própria do ritmo. Para alguns militantes o hip hop é um desdobramento do movimento negro, mas não chega a ser um vertente, ou seja, tem várias reivindicações em comum, mas não tem vínculo formal. A pedagoga e militante do hip hop baiano, Ana Paula Oliveira, acredita na força do movimento como uma nova forma de luta social:

Renovação esta que indica novos atores do porvir – como o hip hop – que acompanharão o tempo de acordo com os contextos sociais/históricos existentes, e o movimento da história nos remete a processos de transformação sociais mais lentos e profundos. As lutas dos movimentos sociais acompanharão a sua época, seu tempo, seu público. (OLIVEIRA, 2007, p. 26)

Segundo Herschmann (2007), essa relação utiliza-se de outros “canais” de participação e está mais apoiada na produção cultural, além de estar organizada na dinâmica e moderna forma de rede. A organização que é vivenciada pelos integrantes das posses conota um sentido de identidade grupal que ultrapassam a categoria do individualismo e remontam aos ideais do viver em sociedade. Muitos são os questionamentos contemporâneos em torno do complexo conceito de identidade. Já se sabe, porém, que há uma tendência do indivíduo não se prender mais a valores e definições como raça, nacionalidade, gênero ou sexualidade. Para alguns estudiosos como Hall (2000), o sujeito contemporâneo passa por uma “crise de identidade”. Apesar da crise e das múltiplas escolhas possíveis este sujeito ainda não aprendeu a descartar a semelhança. As expressões identitárias no território do hip hop “descentradas”, sem-fixidez e ricas, pois um movimento que a primeira vista se mostra fluido e homogêneo se revela cheio de idiossincrasias num olhar mais apurado. Em *Claros e Escuros*, Muniz Sodré dialoga com os valores de identidade, chegando a afirmar que toda e qualquer identidade se constrói a partir de referências concretas de um território. Sodré vai mais fundo ao dizer que:

Não existe uma “identidade negra” originária, construída “naturalmente” a partir da cor da pele

(raça) ou da mentalidade (etnia). Tal identidade aparece na História a partir da discriminação cultural operada por indivíduos de cor clara. Estes por sua vez, só se reconhecem como “identidade branca” ou “eurocidental” no contexto relacional com os ditos não brancos ou não-ocidentais. (SODRÉ, 2000, p.255)

Como já foi dito por Sodré, é preciso que o sujeito tenha consciência de si e do outro. Conhecer a sua realidade e ter parâmetros para compará-la com outras é o ponto de partida para que o sujeito possa formar sua opinião a respeito de algo e é também combustível para incitar o desejo de mudança, ou de conformidade. Uma sociedade que não tem oportunidade de conhecer a si mesma é imatura, e pode adotar facilmente qualquer discurso que lhe pareça convincente. Os problemas e soluções são importados em detrimento da realidade nativa, seja qual for, o que é muitas vezes impulsionado por dirigentes ingênuos às diferenças culturais. Freire (1979) toca mais objetivamente sobre a questão sociedade alienada e a caracteriza como alguém que enxerga através da visão do outro, dessa forma, assinala que:

O ser alienado não procura um mundo autêntico. Isto provoca uma nostalgia: deseja outro país e lamenta ter nascido no seu. Tem vergonha de sua realidade. Vive em outro país e trata de imitá-lo e se crê culto quanto menos nativo é. (FREIRE, 1982, p 35)

Diante da multiplicidade de ações desenvolvidas pelo movimento, Messias (2008) diz que afirmar que o hip hop possui quatro elementos significa reduzi-lo ao aspecto físico, negligenciando o metafísico, a saber, conhecimento, politização, etnicidade, hibridismo estético, conjugação de material midiático contínuo. Ou seja, para ele e para muitos pesquisadores o movimento hip hop não possui quatro, mas sim cinco elementos, sendo a educação conscientizadora e reativa a seu principal característica.

3. A EDUCAÇÃO POPULAR

O sistema educacional público brasileiro dá sinais claros de crise, como os baixos índices de aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que em 2008 foi de 41,69 pontos por candidato, em uma prova que vale 100 pontos. O país possui alta taxa de analfabetismo-funcional entre os jovens. Ao analisar os dados percebemos uma lacuna na formação político-educacional e cidadã dos jovens das periferias urbana e que vem sendo preenchida, em parte, pela iniciativa de grupos que decidem agir sem a ajuda do estado e passam a oferecer ações educacionais como objetivo de formar jovens mais conscientes e atuantes politicamente sobre a sua realidade social.

A Educação Popular é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Não é uma educação fria e imposta, pois baseia-se no saber da comunidade e incentiva o diálogo. (Wikipédia, 2009). O movimento da educação popular pensado por Paulo Freire foi desenvolvido na época do Estado Novo e engloba, além da alfabetização, a busca da conscientização política do cidadão e a igualdade social através de um modelo pedagógico que respeita as diferenças culturais e o saber empírico dos sujeitos. Compreende-se a educação popular como um modelo educacional realizado por meio de processos contínuos e permanentes de formação, que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos envolvidos. Então, não é preciso estar em uma ambiente institucional, como a escola, para poder exercer a educação popular, que por isso mesmo também pode ser compreendida como educação não-formal.

Educação popular são as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais (GHON, 2005, p 100). Logo, na educação-não formal há intencionalidade em criar ou buscar determinadas qualidades e ou objetivos. Desenvolvida em espaços alternativos ao da escola a educação popular favorece a participação dos indivíduos de forma descentralizada visando promover conhecimentos capazes de instigar o desejo da mudança social. O modelo da educação não-formal desobriga o aluno de responder a listas de frequência ou a notas, visto que a permanência

nos projetos é voluntária. A participação do educando, portanto, está condicionada ao interesse no conteúdo das oficinas. Nas oficinas e ação educativa o conteúdo é livre e todos podem falar e escrever sobre o que mais os sensibilizam, temas como violência, política, educação e família são recorrentes,

São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carência econômica, direito individual ou coletivo usurpado ou negado, projeto de mudança, demanda não atendida). Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presente, no esforço de pensar /elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem (GOHN, 2005, p. 106).

A principal característica da educação popular é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para o [ensino](#). É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano dele, dessa forma a assimilação é espontânea. O educador popular não precisa necessariamente ser um militante de um movimento social, mas deve ser um sujeito capaz de compreender a realidade de seus educandos, e saber articular os saberes dos educandos, sem subjugá-los pelos saberes eruditos. A Educação Popular visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do sujeito.

4. O VÍDEO DOCUMENTÁRIO

4.1 Histórico

O termo documentário vem do francês *documentaire*, que etimologicamente significa conduzir (docere) a mente (mentis). O vídeo documentário é um formato que se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e detalhada. Pode ser de vários tipos: antropológico, político, de propaganda, institucional, educativo, musical e outros. Há ainda algumas discordâncias entre especialistas sobre a classificação do documentário em quanto gênero cinematográfico, ou jornalístico. No entanto, nota-se por amostragem bibliográfica que o vídeo documentário é um gênero pouco explorado na mídia televisiva brasileira e possui uma aceitação mais regular no cinema, quando se trata de exibição. Talvez por isso, as obras de análise ou sobre teoria do documentário estejam concentradas muito mais na produção cinematográfica do que jornalística. Assim, podemos constatar que o rótulo do documentário é usado para classificar uma grande diversidade de filmes e vídeos, representantes de uma variedade de métodos, tendências, estilos e técnicas.

O documentário tem raízes históricas no cinema, e pode apresentar diferentes "modos" de produção conforme os diferentes momentos históricos na evolução de uma forma, tal como foi exposto por Bill Nichols (2005) a partir da premissa de que o documentário não é uma "reprodução", mas sim uma "representação" de algum aspecto do mundo histórico e social do qual compartilhamos. Tendo em vista que o documentário possibilita a inserção de outras linguagens, a citar a dramaturgia exercida por atores profissionais ou não, a abordagem escolhida para essa pesquisa é a da prática jornalística. Dessa forma, as entrevistas diferem de conversas corriqueiras e são uma forma distinta de encontro social que se desvelam a de acordo com as diretrizes que as postulem (NICHOLS, 2005). Assim sendo, a realização das entrevistas prévias contará com a gravação em áudio e as entrevistas finais terão gravação em vídeo e áudio, para servir de base documental das declarações. A palavra falada vem ganhando cada vez mais destaque no documentário brasileiro “É como se a predisposição de dar voz aos sujeitos da experiência fosse ganhando força” (LINS; MESQUITA, 2008 p.27) os diálogos entre personagens e diretores são cada vez mais comuns nesse modelo. Durante a execução do projeto também está prevista a realização de um registro

fotográfico, não de todo o processo, mas de parte dele para que fique como documento anexo ao produto e possa servir também de ilustração do processo podendo ser aproveitado em produtos posteriores.

4.2 Características

O documentário não é uma simples reprodução da realidade, caso o contrário seria uma réplica ou cópia de algo já existente. Se assim o fosse, o documentarista não teria nenhum tipo de responsabilidade sobre o produto final do seu trabalho. Filme Documentário é sempre aquele que contém uma interpretação criativa da realidade, tenham os fatos retratados acontecido ou não, com personagens reais ou atores. O gênero, muitas vezes, promove entretenimento, mas o conteúdo deve possuir um caráter inspirador, motivador, informativo e educacional. É impossível estabelecer uma distinção rigorosa entre ficção e documentário, embora não seja difícil dizer quando estamos diante de um ou de outro. Segundo Nichols (2005) o documentário é sim uma representação do mundo em que vivemos. Desta forma, podemos julgar que o diretor e toda a sua equipe assumem uma cota de responsabilidades pelo o que venha a ser vinculado, visto que o produto final é derivado de manipulações e cortes. Existe uma série de questões éticas que permeiam essa prática do documentário, ainda que estas não estejam explícitas em um código, como o Código de Ética dos Jornalistas.

Sendo o documentário um discurso de auto-expressão, como romances, canções ou pinturas, ele pode ser criado em diferentes formatos. Quando bem formulado, é um instrumento que, de certa forma, compensa o descompasso entre culturas ou expõe realidades desconhecidas, desta forma a realidade das ações educacionais elaboradas por integrantes do movimento hip hop pode chegar, através do vídeo documentário, a pessoas que nunca estiveram na periferia de cidade de Salvador. Nichols (2005) categoriza os documentários em dois tipos: os de satisfação dos desejos (ficcionais) e os de representação social (não-ficcional), que se identificam mais dentro do perfil jornalístico.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a

realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas. (...) Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. (NICHOLS, 2005, p.26/27)

Sendo inegavelmente uma representação planejada do real, Nichols ainda identificou seis subgêneros do gênero documentário que são: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático:

1. Poético - foge da idéia de montagem linear e adere à fragmentação. Enfatiza as associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas. Tem forte influência modernista e dá vazão a lúdico e ao subjetivo. Utiliza o mundo histórico como referência para dar forma e construir a estética do filme.
2. Expositivo - possui forte ligação com o mundo histórico numa estrutura mais retórica e argumentativa. É um dos estilos mais reconhecidos pelo público como documentário, devido a sua difusão, pois é dirigido ao espectador e freqüentemente seus elementos são utilizados em noticiários de TV. A perspectiva do filme é dada pela narração feita em *voz over* e as imagens limitam-se a ratificar o que está sendo contado, é fortemente didático.
3. Observativo - evita a comentários em *voz over*, músicas e efeitos sonoros complementares, legendas, reconstituições históricas e até sem entrevistas. É um modelo que explora as coisas como elas são, sem o recorte e interferência do ponto de vista de um diretor. Este tipo de documentário levanta várias questões éticas na medida em que os personagens ficam totalmente expostos.
4. Participativo - pode inserir o diretor no filme, na medida em que ele vai a campo e segue os mesmos hábitos dos seus personagens, usando métodos e instrumentos da sociologia ou da antropologia. Nesse modelo o uso de entrevistas dá amplitude a perspectiva e representa a forma mais comum de encontro entre cineasta e os participantes do seu tema. Também é comum o uso de imagens de arquivos públicos ou dos personagens com o fim de recuperar a história.
5. Reflexivo - tem na sua gênese o questionamento da forma do documentário, age estimulando o espectador a fazer uma reflexão sobre que o documentário

representa. Este modo de representação habitualmente trata do realismo. Costuma ter uma forma muito abstrata e por vezes acaba perdendo as questões concretas.

6. Performático - suscita questões sobre o que é conhecimento, enfatiza as relações de subjetividade e afetividade. Lógica e linearidade não são prioridades neste modo de representação que faz uma combinação livre entre o real e o imaginado.

De uma forma geral os documentários possuem mais de um desses subgêneros, no entanto, um deles prevalece na obra a ponto de ser uma das referências indicativas. Como o produto substancial do documentário *Hip Hop e Educação Popular*, são as entrevistas e as imagens de ações formativas, algumas de arquivo, tendo a classificar o vídeo como expositivo, na medida em que mostra muitas das ações citadas pelos personagens e participativo, quando faz a retomada de imagens de ações passadas cedidas pelos próprios personagens.

No momento em que faço um breve resumo das características do formato documentário, aproveito para acrescentar que na produção do vídeo primei por garantir a multiplicidade de vozes ao entrevistar pessoas de grupos diferentes. Ciente de que a representação do outro exige cuidado e ética no trato das questões do documentário *Hip Hop e Educação Popular* se propõe a garantir a integridade de sentido das falas dos entrevistados, lembrando que o filme documentário desenvolve narrativa de análise sobre os fatos com o intuito de despertar debates construtivos.

5. METODOLOGIA

5.1 Pré- produção

A fim de que o trabalho seja realizado com maior precisão é necessário o estabelecimento de algumas fases, que são articuladas entre si, mas que pela natureza do projeto devem co-existir em pré-produção são elas: a) fase de pesquisas e delimitações temáticas, e seleção de personagens; b) fase de captação de imagens e realização das entrevistas e relatos que vão compor a obra audiovisual, e pós-produção; c) fase de cortes de excessos e edição do material gravado. Antes, porém, do estabelecimento das etapas do trabalho, é preciso se fazer uma pesquisa, que norteie os objetivos, procedimentos de coleta, fontes de informação e natureza dos dados como critérios. Para tanto foi indispensável realizar um estudo sobre a origem do hip hop soteropolitano. Também foi fundamental procurar compreender como e com que motivações são realizadas as intervenções sócio-educacionais que são disponibilizadas à população.

5.2 A escolha dos personagens

Ainda na fase da pré-produção comecei a telefonar para uma lista de contatos de pessoas envolvidas com o hip hop baiano, a lista foi montada a partir do *mailing* que eu já tinha, e com a ajuda de amigos e colegas que sabiam que eu estava fazendo o trabalho. Com uma lista inicial de aproximadamente 25 nomes, liguei para as pessoas a fim de apurar qual era o nível de envolvimento delas com o movimento e se estavam dentro do perfil do documentário, se eram pessoas envolvidas com educação popular, ou se conheciam alguém. A partir desse passo inicial eliminei alguns nomes da lista, mas em compensação ganhei outros. Outro critério de escolha além do envolvimento com oficinas dos elementos do hip hop era a pessoa, ou grupo, estar realizando as atividades, entre setembro e outubro, meses em que estava disponível para fazer a gravação das imagens e das entrevistas. Esse segundo critério acabou eliminado personagens interessantes, como a mestranda em educação Paula Azeviche, e a *B-Girl* e arte-educadora Simone Gonçalves (a Negramone), ambas importantes fontes sobre o movimento hip hop baiano e suas articulações com a educação.

6. CONSTRUÇÃO

6.1 Entrevistados

A partir da equação disponibilidade versus tempo cheguei até a definição de cinco personagens centrais que me ajudaram a remontar a história recente do movimento e a esclarecer essa vertente educacional, são eles: Jorge Hilton, Josenilda Silva, Ananias, (Demison Ferreira) e Denis Sena. Conversando com essas pessoas, cheguei até os outros personagens do documentário. Faço um breve resumo das atividades desses cinco personagens.

Jorge Hilton- Militante do movimento hip hop baiano desde sua criação enquanto movimento organizado, a partir 1996. Atua em várias frentes, é rapper da Banda Simples Rap'ortagem, veterana na Bahia com 15 anos de existência, é educador e já coordenou projetos que trabalham com a interface educacional do hip hop, a exemplo do Projeto Quadro Negro, apresentado no documentário. Sociólogo, formado pela Universidade Federal da Bahia, está em fase de conclusão de um livro que faz uma análise do movimento hip hop no estado. Jorge Hilton se faz uma das figuras mais atuantes do movimento, fez parte da articulação da Rede Aiyê Hip Hop e encabeçou o movimento nacional “Cadê meu cachê” que valoriza a produção cultural do hip hop como uma expressão que merece ser.

Ananias - De nome de registro Luis Augusto de Santana, mas conhecido como Ananias, é um dos B-Boys mais ativos e respeitados da cena do *breaking* baiano. Seu contato com a dança de rua se deu pela primeira vez em 1995, quando freqüentava os bailes blacks do subúrbio ferroviário de Salvador, que eram parte do movimento Black Bahia. A partir dessa experiência, Ananias tomou contato com o primeiro grupo de break de Salvador: os Primitivos do Rap. Sua aproximação ao hip hop organizado tornou aconteceu quando ele entendeu que o *breaking* também é um elemento que pode ter participação na formação do caráter, consciência corporal, social e política dos envolvidos, direta ou indiretamente, na cultura de rua, sendo também um instrumento pedagógico. Desde então, participa do movimento hip hop soteropolitano, ministrando oficinas, palestras e aulas, além de participar de muitos projetos que visam o progresso humano dos envolvidos. Por conta de sua desenvoltura no movimento, atualmente faz intercâmbio cultural na *Universidade Harvard*, nos Estados Unidos da América, onde já

fez palestras sobre o movimento hip hop baiano. Integra o grupo *Independentes de Rua*, que é responsável pela manutenção de rodas de *breaking* que acontecem todas as terças-feiras na Praça da Sé.

Josenilda Silva - Pedagoga e militante do movimento hip hop desde a adolescência, tem preocupação especial com a inserção da aplicação de conteúdos étnico-raciais no ambiente escolar. A experiência com o seu trabalho de conclusão de curso “*Rap: uma experiência pedagógica na construção da identidade da criança negra*” onde trabalhou com raps com crianças e percebeu a eficácia da metodologia que estimulou as crianças a falarem sobre questões sócio-raciais e de identidade.

Demison Ferreira - Integrante do movimento negro e do movimento hip hop, é o coordenador do Grupo de Arte-Educação, Esporte e Cultura (Gaeec) que trabalha desenvolvendo oficinas dos quatro elementos do hip hop, teatro e basquete. O Gaeec é uma instituição formada por jovens moradores do bairro de Pernambués que sentiam a necessidade de ocupar o tempo e ampliar os horizontes de crianças e adolescentes que ficavam parte do dia sem atividade nas ruas do bairro. Como já eram integrantes do movimento hip hop e já foram educandos um dia, resolveram compartilhar os conhecimentos adquiridos formando o grupo.

Denis Sena - É artista plástico e usa o *graffiti* como sua principal expressão artística. Apesar de não ser militante do movimento hip hop, atua como multiplicador de um dos elementos mais expressivos do movimento, o *graffiti*. Começou a apurar sua técnica e o discurso de conscientização do hip hop junto com os educandos da Organização Não Governamental *Projeto Cidadão*, onde atua como voluntário há oito anos. No campo da arte-educação também desenvolve oficinas e cursos de *graffiti* em escolas públicas, particulares, além de outras ONGs. Entre suas experiências, foi instrutor de *graffiti* no Projeto Abrindo Espaços, da Organização das Nações Unidas para a educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 2002.

6.2 Gravação

A gravação das entrevistas, e imagens das oficinas e da mostra final de uma das oficinas foi uma etapa vencida ao logo de dois meses. Entre as principais encontradas ganham destaque a falta de um veículo próprio para transportar o equipamento de filmagem, e a minha impossibilidade de dedicar o dia todo a essas tarefas, visto que tive que conciliar a realização deste documentário com outros meus dois trabalhos, na ONG Cipó- Comunicação Interativa (como estagiária no núcleo de mobilização ação política da instituição) e no Projeto Lanterninha (como monitora facilitando o acesso de alunos de escolas públicas à ferramentas do audiovisual). Embora tenha sido altamente desgastante conciliar as três atividades, foi um processo complementar, porque nestes espaços me confrontei com a relação, cada vez mais clara e inseparável para mim, entre educação e formação política. Na execução das gravações contei com a ajuda do cinegrafista Moisés Santana, do núcleo da OI Kabum - novos produtores, que me acompanhou na maioria das saídas.

De forma geral, o processo de filmagem foi tranquilo pois sempre marquei datas e horários confortáveis para os entrevistados, além de manter o hábito de confirmar as entrevistas com todos no dia anterior e horas antes da entrevista, para não correr o risco de ser esquecida. Também não tive problemas com as fitas ou equipamentos.

6.3 Decupagem, roteiro e edição

Decupar o material gravado é uma forma de tornar mais prática e rápida a edição, principalmente considerando que em edição não – linear (feita no computador) a captura do material a ser utilizado é a etapa inicial da edição, e conhecer os trechos que seriam utilizados na construção narrativa foi decisivo para a elaboração de uma edição fluida e prática. No processo de decupagem são assinalados os tc's – time code – das falas, evitando a perda de tempo na busca do trecho de entrevista escolhido. A decupagem do material gravado, total de cinco fitas, foi feita no Laboratório de TV da Facom, e durou quatro manhãs.

A elaboração do roteiro consiste em desenvolver uma idéia da qual se originará a estrutura narrativa do vídeo. Em se tratando de um vídeo documentário não se tem

absoluto controle de tudo o que vai acontecer, por isso, os roteiros de documentários costumam ser finalizados após as gravações. Nesse caso a construção do roteiro obedeceu aos critérios de ordem prática: a idéia básica era construir a narrativa do documentário baseada em blocos de falas dos personagens que em seus discursos acabam por fazer várias conexões temáticas. Pensei no vídeo como um texto, onde as falas têm que ter conexão umas com as outras, para uma questão de entendimento do leitor. Entre as preocupações mais recorrentes, a de destaque foi construir um discurso condizente, mas que não descaracterizasse ou modificasse o sentido da fala dos entrevistados, visto que na ilha de edição existem algumas técnicas que podem acabar por deturpar a fala dos envolvidos. Vencida essa barreira separei os entrevistados em grupos: Educandos, arte-educadores e especialistas (ou pesquisadores) e em seguida dividi os grupos em temas, por exemplo, o primeiro bloco de fala dos educandos faz referência aos seus primeiros contatos com um dos elementos do hip hop. Na elaboração do roteiro foi montada a estrutura básica do documentário como a introdução ao tema, que se dá logo na abertura do vídeo quando os quatro elementos do hip hop são apresentados em quadros diferentes e se unem em um só, formando na tela a representação do movimento. Nesse momento também foi definido que cada quadro que representava os elementos ganharia uma identidade de cor, que seria mantida ao longo do vídeo. Na elaboração do roteiro também já previ a inserção de clipes de passagem com trechos de imagens e músicas representativas do rap e cartelas, que são claquetes com informações extras que complementam a compreensão do que é dito pelos entrevistados.

Edição de vídeo é o processo de corte e montagem do vídeo. Aqui foram definidos quais os trechos realmente vão ficar no produto final, porque o material que vem da decupagem é sempre maior do que o que realmente vai ser usado. Também é nesta fase da produção que são inseridos os efeitos especiais, as trilhas sonoras e as legendas que dão um sentido complementar a obra. Como estava com uma restrição de dias e horários não pude usar a estrutura da Facom, pois a editora de vídeo só está na faculdade pelo período da manhã, além disso, há uma grande demanda de trabalhos para serem editados por ela. Por isso, a edição do projeto foi feita na Ilha de Edição da OI Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, pois como sou estagiária da Cipó- Comunicação Interativa (gestora da Kabum) tenho acesso facilitado à estrutura da instituição. Débora Freire, a editora que montou o projeto junto comigo, já tem vários anos de experiência e me deu

dicas importantes para a construção de uma linguagem audiovisual mais clara para o espectador, como por exemplo, a utilização de uma fonte que tivesse semelhança com o *graffiti*, dessa forma o vídeo ganharia mais identidade visual com o tema. O Programa de edição utilizado foi o *Final Cut* que permite que a edição ocorra de forma não linear, facilitando a montagem.

7. MEMÓRIA

As primeiras inquietações acerca da efervescência do movimento hip hop surgiram ainda na adolescência quando por conta de uma oficina de fotografia, no Liceu de Artes e Ofícios, me deparei pela primeira vez com tema identidade, que foi escolhido pelo grupo como tema para o nosso ensaio fotográfico. Quando ingressei na universidade assuntos referentes a movimentos sociais também começaram a chamar a minha atenção. Entretanto, a oportunidade para um aprofundamento aconteceu quando no quarto semestre cursei a disciplina Oficina de Jornalismo Impresso. Nessa época fiz uma matéria para o *Jornal da Facom* sobre o dia da Consciência Negra e no texto foi encaixado um box sobre o movimento hip hop de Salvador. Aí percebi, de fato, configuração do movimento como uma forma de militância e ativismo social. Nesse contexto a realização do vídeo documentário *Hip Hop e Educação Popular* se mostra como uma oportunidade diante dos meus conhecimentos adquiridos enquanto estudante de jornalismo de aprofundar tanto em teoria como em vivência com o tema em questão. Parte das percepções e da experiência adquirida no processo de construção do vídeo já está diluída no capítulo 6, que conta sobre a construção.

Antes da etapa de produção tive que me ater a uma pesquisa teórica sobre o tema e a relevância deste estudo reside em sua possibilidade de ser instrumento de apoio às análises sobre a possível eficácia de atividades educacionais alternativas. Escolhi o formato documentário porque tenho um especial interesse na linguagem audiovisual e acredito que através dela podemos fazer educação e política. Entendendo o vídeo documentário como um importante instrumento para a construção da cidadania, por sua abrangência nas comunidades e cada vez mais os recursos audiovisuais são consumidos e produzidos nas comunidades populares do país.

Uma das motivações que me levaram a pesquisar mais sobre alternativas ao modelo formal da educação é que sempre me choco com a crise no sistema educacional brasileiro. Entretanto percebo que já é visível uma reação da sociedade, ainda que em microesfera. Os dados sobre educação no Brasil não são nada satisfatórios a última pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgou que 14 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais. Isso sem falar dos 10% de brasileiros que não

sabem ler e escrever. Nesse contexto visibilizar trabalhos como os dos grupos que acompanhei é um dos motivos de me levarem a escolher o hip hop e sua relação com ações educativas como tema do documentário.

Ao longo do processo de produção do vídeo, principalmente quando estava no processo de convencimento das fontes notei uma das particularidades do movimento hip hop de Salvador, que é a seleção dos projetos que eles querem participar. Digo isso, porque em muitas vezes, tive que explicar detalhadamente as intenções do projeto e como estava sendo feito. De uma forma geral, quem é militante do movimento hip hop, criou uma espécie de resistência a participar de forma aleatória de matérias jornalísticas, vídeos e outros produtos comunicacionais, pois na década de 2000 aconteceu uma explosão de pesquisas e matérias jornalísticas sobre o movimento. Entretanto, os militantes perceberam que muitas vezes os trabalhos não contemplavam o contexto em que estavam inseridos, e faziam análises soltas e sem reflexão, algumas até carregadas de pré-conceitos. Minha escolha pelo movimento hip hop como tema para um documentário surgiu de uma identificação pessoal e admiração que tenho pelos ideais do movimento.

Quando todos os participantes do documentário já sabiam do que se tratava a proposta foi bem recebida em todos os lugares, e recebi várias indicações de outras pessoas e grupos que realizavam trabalhos semelhantes, mas como o documentário tem uma atuação restrita me ative a concentrar esforços em apenas dois grupos, o Projeto Cidadão e o Gaec. Ao longo das entrevistas e das visitas aos grupos pude acompanhar o processo ensino aprendizagem de perto e sentir o quanto é rica a tomada de consciência gerada pela experiência de participação num movimento social.

Um dos objetivos do projeto é que as informações, reflexões e provocações presentes em seu conteúdo permitam conhecer de forma mais profunda o que se faz de alternativo à educação formal. Por isso uma das metas do projeto é disponibilizar resultado final do vídeo para as comunidades e grupos que já fazem algum tipo de trabalho na área de educação popular.

Este trabalho visa compreender o hip hop como processo educativo não formal que socializa os indivíduos, contribuindo para uma postura mais cidadã e consciente de si.

O produto audiovisual, neste caso, também pode servir contribuir como diálogo entre diferentes segmentos sociais. De forma conclusiva afirmo que com certeza não sou a mesma depois da realização dessa pesquisa, e não encerro aqui a minha disposição em fazer novas descobertas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e Educação, Rap é Educação**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2000.

CONCEIÇÃO, Ana Paula Oliveira. **Movimento Hip Hop: educação em quatro elementos**. Monografia de Graduação. Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Educação, Salvador, 2007.

CASSEANO, P.; DOMENICH, M.; ROCHA, J. **Hip-hop: A periferia grita**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1982.

_____. **Conscientização – Teoria e Prática da Libertação do Pensamento- Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Cortez & Moraes, 1979.

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GHON, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LINS, C.; MESQUITA, C.. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Comunicação, Salvador, 2008

NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WIKIPÉDIA. Educação Popular. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_popular. > Acesso em 29/09/2009

9. ANEXOS

9.1. Cronograma

Cronograma

Ações	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Revisão bibliográfica/ Visita a comunidade	X					
Coleta de dados/ Elaboração de entrevistas/ Definir locais para as filmagens	X					
Montar equipe/ Execução das filmagens		X	X		X	
Análise do material/ Decupagem/ Edição / Finalização da memória				X	X	
Banca de avaliação						X

9.2. Ficha técnica

Hip Hop e Educação Popular (18 min., cor, digital, 2009)

Direção, Roteiro e Produção: Rebeca Bastos

Imagens: Moisés Araújo, Lenon Reis e Rebeca Bastos

Imagens Projeto Quadro Negro: Ed Avelino e Eliciana Liz

Imagens Hip Hop pelas cotas uma reação afirmativa: TV UFBA

Edição /Finalização: Débora Freire

ANEXO – Roteiro de edição

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO</p>	<p>DIREÇÃO REBECA BASTOS</p>	<p>TEMPO 18 MINUTOS</p>
<p>ROTEIRO DOCUMENTÁRIO: HOP E EDUCAÇÃO POPULAR</p>		

<p>TEC - Fade in Claquete Título: Hip Hop e Educação Popular Direção: Rebeca Bastos Tempo: 17 min. Maio/2009 FACOM – UFBA TEC - Fade out</p>	<p>15''</p>	
<p>TEC - Fade in Abertura (gráfica) tela dividida em quatro (cada quadro representa um elemento) TEC- Entrecruzamento de imagens</p>		
<p>TEC - Fade in Vídeo menina DJ/ cor azul/ palavra DJ</p>	<p>2''</p>	
<p>TEC - Fade in Vídeo rapaz grafita / cor vermelho / palavra GRAFITTI</p>	<p>2''</p>	<p>TEC - Música “Haiti” (Caetano Veloso) 00:17 – 00:34</p>
<p>TEC - Fade in Vídeo grupo dança/ cor amarelo/ palavra BREAKING</p>	<p>2''</p>	
<p>TEC - Fade in Vídeo jovens cantam/ cor verde/ palavra RAP</p>	<p>3''</p>	
<p>TEC - Fade in Título do Vídeo Hip Hop e Educação Popular TEC - Fade out</p>	<p>8''</p>	
<p>BLOCO 1 Sonora: Coru GC: Coru Danilo de Oliveira, 16</p>	<p>14''</p>	<p>Fui me envolvendo mais na cultura ... com sentimento, entendeu?</p>

<p>Fita 01 TC: 00: 33:30 – 00: 34: 23</p> <p>Sonora: Snob 85 GC: Snob 85 Leonardo Giron , 24 FITA 01 TC 00:31:23 – 00:31:40</p>	<p>13”</p>	<p>“Poh, o graffiti é minha vida.... tô até hoje.”</p>
<p>Sonora: Tami GC: Tami Tâmara Santos, 16 FITA 01 TC 00:20:20 – 00:20:51</p>	<p>12”</p>	<p>“Tenho oito meses aqui....em todos os sentidos”</p>
<p>Sonora: Cazu GC: Cazu Nicholas Muniz, 15 FITA 01 TC 00:23:33 – 00:24:02</p>	<p>19”</p>	<p>“Eu tomava aula....vim e gostei”</p>
<p>Sonora: Marcus Vinicius GC: Marcus Vinicius, 19 FITA 05 TC 00:00:17: – 00:00:46</p>	<p>10”</p>	<p>“No hip hop antes eu....tem um conteúdo”</p>
<p>Sonora: Adriana Silva GC: Adriana Silva, 14 FITA 03 TC 00:20:50 – 00:21:09:20</p>	<p>12”</p>	<p>“Além de fazer ...que eu sei que também faz parte, entendeu?”</p>
<p>Sonora: Marcus Vinicius FITA 05 TC 00:01:55: – 00:02:46</p>	<p>10”</p>	<p>“Faz evoluir em tudo...já conheço muita gente”</p>
<p>Fade out</p> <p>Fade in TEC – Suspensão de imagem Claquete</p>	<p>28”</p>	<p>Sobe som ambiente</p>
<p>Gaeec</p>		

<p>Grupo de Arte-Educação Esporte e Cultura (Gaeec), criado em 2005, por um grupo de jovens oriundos do movimento negro tem como principal objetivo facilitar o acesso a atividades culturais e esportivas para crianças e adolescentes de Pernambués.</p> <p>TEC – Fade out</p> <p>BLOCO 2</p> <p>Sonora: Valter Altino GC: Valter Altino Mestre em sociologia Atitude quilombola, Fórum de Igualdade Racial FITA 04 TC 00:52:04 – 00:55:34</p> <p>Sonora: Marcelo Matos GC: Marcelo Matos Mestre em educação FITA 05 TC 00:06:49 – 00:09:23</p> <p>Claquete Fade in</p> <p>Projeto Cidadão A ONG Projeto Cidadão, foi fundada em 2000 pela motivação do artista plástico Antonio Jorge que tem preocupações com as questões sociais da sua comunidade. Desde então a instituição, que é mantida por voluntários, já atendeu centenas de crianças e adolescentes da área. Entre as diversas linguagens oferecidas o graffiti é uma das que mais atraem a atenção dos jovens.</p> <p>BLOCO 3</p> <p>Sonora Denis Sena GC: Denis Sena Arte-educador – Projeto Cidadão FITA 01 TC 00: 07:30 – 00:10:50</p>	<p>1’10’’</p> <p>1’12’’</p> <p>15’’</p> <p>30’’</p>	<p>“A importância da arte... ativa na sociedade”.</p> <p>“A Própria juventude...que é o que falta hoje”</p> <p>TEC - Música “Guerreiro, guerreira” (Negra Li e Helhão) 00:01 – 00:15</p> <p>“Ser educador é ...Sempre acreditei na arte”</p>
--	---	--

<p>Sonora Ananias GC: Ananias B.boy, arte-educador FITA 03 TC 00:12:20– 00:14:29</p>	<p>30”</p>	<p>“Ser B.boy não é simplesmente dançar....quero saber sempre mais.</p>
<p>Sonora Tina GC: Tina B. Girl, arte-educadora FITA 04 TC 00:58:33 – 00:59:50</p>	<p>30”</p>	<p>“Os meninos chegavam.... o que é educação em si.”</p>
<p>Sonora Ananias FITA 03 TC 00:14:37– 00:16:29</p>	<p>17”</p>	<p>“Trabalha com identidade... bem politizado”</p>
<p>Sonora Denis Sena FITA 01 TC 00: 12:35 – 00:13:59</p>	<p>20”</p>	<p>“É uma troca constante.... dessa evolução”</p>
<p>BLOCO 4</p>		
<p>Clipe imagens grupo de dança Fade in Fade out</p>	<p>13”</p>	<p>TEC - Música “Guerreiro, guerreira” (Negra Li e Helhão) 00:20 – 00:33”</p>
<p>Sonora Nádia Cardoso GC Nádia Cardoso Instituto Steve Biko FITA 04 TC 00:07:10 – 00:09:12</p>	<p>45”</p>	<p>“Vejo algumas discussões... do movimento negro”</p>
<p>Josenilda Silva GC Josenilda Silva Pedagoga</p>	<p>47”</p>	<p>“Existe essa discussão...é a população negra”</p>

FITA 02 Sonora TC 00:03:30 – 00:05:25		
FITA 02 Sonora Jorge Hilton GC Jorge Hilton Sociólogo, rapper e arte-educador TC 00:17:40 – 00:19:29	50''	“O movimento hip hop na discotecagem dos DJs”
Sonora Josenilda Silva FITA 02 TC 00:10:35– 00:12:29	36''	“Existe uma preocupação.... uma responsabilidade”
TEC - Fade in Imagens do vídeo “Projeto Quadro Negro 1” TEC – Fade out	51''	TEC - Música projeto quadro negro (Jorge Hilton)
TEC - Fade in Sonora Jorge Hilton FITA 02 TC 00:20:38– 00:22:59 TEC – Fade out	22''	“A gente queria.... depois que entrei na universidade”
TEC - Fade in Vídeo projeto Quadro Negro 2 TEC – Fade out	25''	TEC - Música projeto quadro negro (Jorge Hilton)
Sonora Josenilda Silva FITA 02 TC 00:16:38– 00:19:34	1'10''	“A organização que se dá... em trabalhar isso”
BLOCO 5		
TEC - Fade in Imagens do movimento TEC – Fade out	10''	TEC - Música “Olha o Menino” (509-E) 01:28 – 01:38

<p>Sonora Denis Sena FITA 01 TC 00:13:45– 00:14:07</p>	<p>42”</p>	<p>“O movimento tem uma grande... é crescente”</p>
<p>Sonora Demison Ferreira GC Demison Ferreira Cordenador Gaec FITA 03 TC 00:34:40 – 00: 35:15</p>	<p>22”</p>	<p>“Uma relação de prática... que você já conhece”</p>
<p>Sonora Ananias FITA 03 TC 00: 29:45– 00:31:11</p>	<p>35”</p>	<p>“Eu vi que o breaking... sobre os elementos do hip hop”</p>
<p>Sonora Demison Ferreira FITA 03 TC 00: 36:50– 00:37:18</p>	<p>21”</p>	<p>“Hoje a gente desenvolve....</p>
<p>Fade out</p>		
<p>Claquete Fade in</p>		
<p>Áfrika Bambaataa É um <u>DJ estado-unidense</u> que é considerado o pai do Hip Hop por ter definido os princípios norteadores do movimento quando criou a organização <i>Zulu Nation</i>, em 1973. Utilizou-se de muitas gravações já existentes de diferentes tipos de música com o canto falado que caracteriza o Rap.</p>	<p>17”</p>	<p>TEC - Música “Feel the vibe” (DJ África Bambaataa) 00:01 – 00:17</p>
<p>Fade out</p> <p>Fade in Sonora Denis Sena FITA 01 TC 00:19:55– 00:21:23</p>	<p>14”</p>	<p>“Eu vejo hoje a resistência...é a educação, sabe?”</p>
<p>Sonora Ananias FITA 03</p>	<p>40”</p>	<p>“Prefiro trabalhar com os jovens... passagem da vida dele”</p>

TC 00: 31:45– 00:32:19		
BLOCO 6 Fade in		
Sonora Marcus Vinicius FITA 05 TC 00:02:03– 00:02:45	13”	“O hip hop ajuda a gente... bastante, em tudo”
Sonora Adriana FITA 03 TC 00:40:16– 00:41:33	10”	“ Quero conhecer mais... faz parte também”
Sonora Tami FITA 01 TC 00:20:53– 00:21: 47	08”	“Aprendi a ter auto-confiança.... mas normal”
Sonora Coru FITA 01 TC 00:37:5– 00:39: 53	20”	“A gente tem uma união.... representando o nosso bairro”
Sonora Cazu FITA 01 TC 00:25:23– 00:25: 39	09”	“Tô querendo fazer uma faculdade ... continuar grafitando, entedeu?”
Fad out Imagens diversas dos quatro elementos e das pessoas no movimento	53”	TEC - Música “Respeito é Bom” (RBF) 00:32 – 01:28
Claquete		
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO 2009.2	21”	

Hip Hop e Educação Popular (18

min., cor, digital, 2009)

Direção, Roteiro e Produção: Rebeca Bastos

Imagens: Moisés Araújo, Lenon Reis e Rebeca Bastos

Imagens Projeto Quadro Negro: Ed Avelino e Eliciana Liz

Imagens Hip Hop pelas cotas uma reação afirmativa: TV UFBA

Edição /Finalização: Débora Freire

Agradecimentos

Grupo de Arte-Educação, Esporte e Cultura (Gaeec)

Projeto Cidadão

Banda Simples Rap´ortagem

OI Kabum! Escola de Arte e Tecnologia

Cipó- Comunicação Interativa

Projeto Lanterninha

A todos e todas que de cederam tempo e atenção para a realização desse projeto, em especial para Débora Freire e para Jorge Hilton.